



MEMÓRIA DE UMA PINTURA PERDIDA - REMOÇÃO DA IMAGEM SACRA DA IGREJA MATRIZ DE UBAJARA

RECALLING A LOST PAINTING - THE REMOVAL OF THE SACRED IMAGE FROM UBAJARA'S MAIN CHURCH

Anatália Regina Cunha da Silva¹

UFPB/UFPE

Maria Betânia e Silva²

Universidade Federal de Pernambuco

Resumo: Este artigo é parte de uma pesquisa de mestrado que reflete sobre o conflito gerado pela remoção da imagem de Jesus Cristo no Horto do altar-mor da Igreja Matriz de São José, em Ubajara-CE. O caso, amplamente debatido pela população e estendido para as redes sociais, evidenciou a divisão entre os moradores: uma parte apoiou a decisão da igreja, enquanto outra se posicionou contra, argumentando uma desvalorização do patrimônio imaterial e afetivo. Os resultados do estudo demonstram uma grande insatisfação com a remoção, o que levantou um importante debate sobre como a memória coletiva pode ser afetada pelo apagamento de imagens significativas para o grupo social. O caso revela, assim, a necessidade urgente de diálogo, educação patrimonial e políticas de preservação que considerem a memória dimensão afetiva da comunidade.

Palavras-chave: Artes Visuais, memória, patrimônio imaterial, Ubajara, apagamento.

Abstract: This article is derived from the author's master's dissertation and reflects on the conflict generated by the removal of the image of Jesus Christ on the Mount of Olives from the main altar of the Matrix Church of São José in Ubajara, CE, Brazil. The case was widely debated by the population and extended to social media, highlighting the division among residents: one part supported the church's decision, while the other was against it, arguing that it represented a devaluation of the intangible and affective heritage. The study's results demonstrate significant dissatisfaction with the removal, sparking an important debate on how collective memory can be affected by the erasure of meaningful images. The case thus reveals the urgent need for dialogue, heritage education, and preservation policies that consider the community's affective dimension.

¹ Mestranda pela Universidade Federal da Paraíba. Licenciada em Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Piauí. Professora Efetiva da Rede Estadual do Ceará. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2960411329288838> Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-9501-497X>

² Doutora em Educação pela UFMG. Mestra em Educação pela UFPE. Graduada em Artes Plásticas pela UFPE. Graduanda em Filosofia pela UFPE. Professora da Graduação e do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPB/UFPE. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0531466233320912> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2149-8982>



Keywords: Visual Arts, Collective Memory, Intangible Heritage, Ubajara, erasure.

1 INTRODUÇÃO

Na história da arte, as pinturas sempre tiveram um papel de destaque. Desde os primórdios do cristianismo, foram usadas como uma ferramenta poderosa para evangelizar aqueles que não sabiam ler, servindo como uma representação visual da fé. No Brasil, esse destaque se consolida com o barroco. Artistas como Mestre Ataíde, nos conduzem a uma narrativa dramática e pitoresca, usando cores vibrantes e efeitos de profundidade que capturam perfeitamente o espírito religioso de sua época e o que, mais tarde, foi denominado pelos pesquisadores como o estilo barroco. Esse período foi considerado como o primeiro, no Brasil, que se observou uma produção artística própria, embora tenha influências trazidas da Europa (Sobrinho, 2023). Durante o século XVII, Salvador e Recife foram os centros urbanos onde se concentrava a economia. No século seguinte houve um deslocamento com a descoberta das Minas Gerais e o ciclo do ouro se tornou a principal fonte econômica que favoreceu o uso e exploração dele nas Igrejas barrocas. Naquele século, o Brasil se tornou o maior produtor mundial de ouro.

Muitas das pinturas do Mestre Ataíde, por exemplo, expostas em tetos de igrejas, permanecem como roteiros visuais da nossa história, intactas até os dias atuais. A conservação dessas obras-primas do período barroco é possível graças ao trabalho essencial de profissionais e instituições especializadas, com destaque para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Infelizmente, apesar desses esforços, a valorização do patrimônio artístico no Brasil ainda é desigual e se restringe a poucos lugares e monumentos de maior destaque, deixando muitos outros tesouros culturais, especialmente mais contemporâneos, vulneráveis e fadados ao esquecimento.

Em Ubajara, cidade turística do interior do Ceará, localizada a aproximadamente 350 km da capital Fortaleza, em 2024, a valorização afetiva do patrimônio imaterial pela coletividade ficou evidente em um conflito religioso. O fato que desencadeou a discussão, foi a remoção de uma imagem sacra, nomeada de “A Oração de Jesus Cristo no Horto” da Igreja Matriz de São José - Figura 1. O ato



comoveu uma grande parcela da comunidade católica, além de mobilizar moradores não praticantes, que reconhecem a importância histórica, artística e afetiva que a pintura possui para a identidade dos ubajarenses. Com isso, temos como objetivo analisar o conflito gerado pela remoção da pintura da igreja matriz de Ubajara a luz dos conceitos do Patrimônio Imaterial e Memória dos cidadãos.

A cidade de Ubajara, tem 110 anos de história, segundo o último dado do IBGE em 2022, registrou cerca de 32.767 moradores. A população é bastante devota aos princípios católicos. A Igreja Matriz de São José é um marco histórico para o crescimento da cidade, que acompanhou todo seu desenvolvimento. Sua construção data do início do século XX e pode ser incluída no período moderno brasileiro.

F3igura 01 - Pintura na igreja matriz nomeada "A oração de Jesus Cristo do Horto"



Fonte: Clara Lêda.

A pintura foi realizada em 1959, por Antonio Ribeiro Neto, que emigrou para Ubajara, cidade serrana da Ibiapaba. (Braga, 2024)

Antônio Ribeiro Neto, integrou-se facilmente no convívio social e fortes vínculos de amizade foram construídos, entre eles, com o vigário da paróquia, à época, Pe. Moacir, a quem prometeu pintar, na cúpula sobre o altar mor da igreja de São José a cena bíblica de Jesus no Monte das Oliveiras, no entanto, a promessa só foi honrada, anos depois, quando Pe. Moacir foi transferido para atuar numa paróquia em Natal, Rio Grande do Norte. (Braga, 2024)

Na cúpula da Igreja Matriz, a pintura bíblica é vista de todos os ângulos no interior da matriz. Representada por Jesus Cristo ao centro, que se encontra ajoelhado com suas mãos postas em oração em cima de uma rocha. Utiliza um túnica branca



com um manto vermelho. Jesus está representado com cabelos longos acobreados e ao redor da cabeça uma aura dourada. Esses elementos se encontram em primeiro plano. No segundo, o azul predomina a cena, com duas tonalidades, sendo o escuro que representa o céu e o claro com formato de Cruz que está inclinada para a diagonal esquerda, mesmo lado em que Jesus está direcionado. E na parte inferior o verde predomina, que simboliza um campo e pequenos galhos. A imagem era representada no alto da matriz.

A remoção da pintura, que já possuía 69 anos, na abóbada da matriz, colocou em evidência a importância da preservação da memória dos habitantes através do patrimônio material na arquitetura do município. Essa memória ressalta aspectos históricos, artísticos e afetivos que dizem respeito à identidade de seus habitantes. Candau (2012, p.24) destaca que a memória coletiva “é uma representação, um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo”.

O autor ressalta que é através da memória que o indivíduo capta e compreende continuamente o mundo e lhe confere sentido. Portanto, o estabelecimento de sentido e o vínculo ao presente garante o funcionamento da memória humana e a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade.

Nesse sentido, podemos dizer que o apagamento da história, da arte e dos afetos de um povo significa também a diluição de sua identidade e do sentimento de pertencimento à coletividade.

2 A HISTÓRIA SE REPETE, DESTA VEZ, SEM IMAGENS

A remoção de imagens sacras é uma forma imprudente quando falamos de memória coletiva. Algo que nas Artes Visuais é bastante problemático, sobretudo, pela natureza artística, cultural, histórica e patrimonial que elas representam.

Podemos destacar o desrespeito perante o artista que produz uma obra, se dedica desde a criação, estruturação e sua confecção. Esse apagamento também pode se referir às pinturas elaboradas pelos/as grafiteiros/as. Em muitos lugares se usa da prerrogativa de que, por se tratar de um espaço urbano, é motivo para que



ocorra seu apagamento e vandalismo, embora, o graffiti, em sua natureza, coloca em discussão as questões da efemeridade da obra.

Mas, quando este apagamento ocorre dentro do patrimônio arquitetônico de uma igreja e a obra passa a pertencer à própria identidade dos habitantes que a frequentam, o que revela sobre a história e as práticas culturais em uma nação?

Outros exemplos podem ser elencados aqui como o painel de Alfredo Volpi, artista brasileiro, que foi removido da igreja de Brasília, em 1962, como pode ser observado na imagem a seguir.

Figura 02 - Altar da igreja de Nossa Senhora de Fátima com as bandeiras pintadas por Volpi, em Brasília.



Fonte: divulgação do site Estado de Minas

O assunto exposto no Livro *“Apagamento de Volpi - Presença em Brasília”* escrito por Graça Ramos, em 2023, historiadora da arte, disserta sua tristeza em perceber como suas bandeirolas foram removidas na primeira igreja da asa sul, em 1962. Sem muito explicação, talvez por não se ter compreensão do significado ou mesmo referências das obras do artista.

O que Volpi ofereceu não foi entendido. Acho que ninguém se preocupou em ler, a reação foi à bandeirinha. Ele foi lido como ingênuo, profano, porque usou bandeirinhas de São João, infantil. Mas Volpi pega a simbologia católica e faz dela uma nova ideia. Ele se apropria de símbolos católicos, faz uma codificação e ninguém soube ler isso”, lamenta Graça Ramos. (Maciel, 2023)



Nahima Maciel (2023) em sua entrevista com Graça Ramos, mostra sua indignação e inúmeras interrogações sobre esse fato histórico, que apesar do tempo em que foi ocorrido o fato, ainda hoje causa revolta em todos que lembram da ausência da pintura. O drama apresentado se assemelha ao que aconteceu em Ubajara, onde a remoção da pintura da igreja dividiu a população ubajarense.

Em 2024, o tema começou a ser discutido em todos os espaços de Ubajara, as discussões saíram das ruas, das escolas e praças, e tomou conta nas redes sociais. A remoção da obra do artista Antonio Ribeiro Neto, da igreja matriz, a princípio não se passava de comentários incertos, onde falavam apenas de restauração. A pintura já estava com um pouco de desgaste por conta do tempo e da exposição, processo natural que ocorre com pinturas murais. Mas, todos foram pegos de surpresa ao se depararem, repentinamente, com o desaparecimento completo da pintura. Como pode ser observado nas imagens a seguir, o registro foi realizado por uma moradora da cidade.

Figura 03 e 04 – cobertura parcial e completa da pintura



Fonte: Imagens cedida pela moradora local³.

³ Optei pelo anônimo da moradora, por questões de retaliação.



A imagem de Jesus Cristo, já não existe mais! A frase mostra o impacto que causou a grande parte da população, muitos veem apenas como uma pintura qualquer e dizem “Jesus não está na imagem”. Essa postura acena para a ausência de valorização do patrimônio cultural e artístico local, não percebendo sua perda. O fato foi difundido em sites regionais, além de ter uma repercussão calorosa nas principais redes sociais, Instagram e Facebook.

Figura 05 - Recorte da página do Facebook do Ubajara Notícias

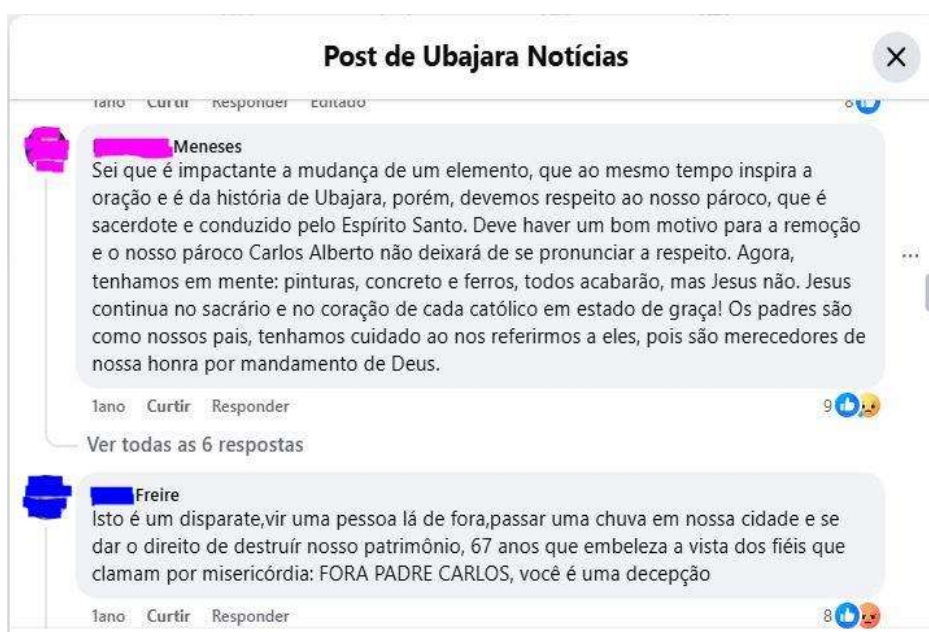


Fonte: Facebook

Observamos na imagem acima, 199 comentários e 29 compartilhamentos, além 186 reações, este levantamento foi apenas na página do Ubajara Notícia, um dos veículos de comunicação mais engajados do município. Houve a divulgação em outras redes sociais, como foi o caso do Sobral Online que obteve a mesma repercussão. Nos comentários encontrados na publicação observa-se o sentimento de revolta na maioria da população, uma pequena parcela se mostra a favor da atitude da igreja, aceitando a “modernização” do espaço.



Figura 06 - Recorte do Facebook dos comentários da reportagem



Fonte: Facebook do Ubajara Notícia

Na imagem 06, selecionamos os comentários para a análise, que apresentam opiniões opostas. Podemos refletir que o de Meneses, mostra um respeito pela sua doutrina um conhecimento acerca da fé que professa, mas que abre mão da história da cidade, visto a posição tomada pelo padre. O morador, em sua fala talvez não saiba nomear como um patrimônio imaterial, pode conter atributos que vão além da fé cristã, a igreja também tem um papel importante que pode salvaguardar bens de toda uma comunidade, pois, “Todo o objecto do passado pode ser convertido em testemunho histórico sem ter tido por isso na sua origem um destino memorial. [...] tem por finalidade fazer reviver no presente e passado engolido pelo tempo.” (Choay, 2006, p.25)



Na sequência, o comentário de Freire, mostra sua revolta e descontentamento acerca da atitude do padre, mostrando que ele não valorizou a história da cidade, que a pintura tinha 67 anos e fazia parte da igreja, a tristeza na fala e aparente no olhar de um povo que viu uma memória da Igreja, do padre Monsenhor Tarcísio Melo sendo apagada, um dos párocos que teve muita honraria na cidade, pelo cuidado e respeito com os ubajarenses.

O altar de um templo religioso representa a assinatura de seus fieis, às vezes de um povo. Quando se muda a estrutura ou sua aparência é mudar a própria assinatura desses fieis. Não quer se dizer aqui que não se deva haver mudanças. No entanto, deve ser pública a relevância dessas ou daquela mudança. Deve ser amplamente discutida com a comunidade a que pertence. Pois sendo um templo pertencente mesmo que não de direito, mais de fato a um povo, cabe a ele ser comunicado antecipadamente de mudança de relevância, sob pena de ser procurado a opinar somente em coisas banais. Mudanças relevantes feitas por um administrador comunitário sem o conhecimento prévio de seus entes é medida ditatorial. O que aqui é exposto serve para qualquer comunidade, seja ela religiosa ou somente social. Em se tratando de comunidade religiosa é mais grave ainda, por motivos óbvios. Imagine-se, por acaso, que um papa mudasse a arte histórica da Capela Sistina no Vaticano somente por não gostar pessoalmente da imagem. Seria um absurdo, o que atingiria fortemente, não só a Comunidade Católica, como a própria história mundial. (Comentário da Página Artserv, 2024).

A discussão nos fez refletir como a população se sentiu desvalorizada e entristecida com o fato ocorrido, fazendo com que inúmeras pautas fossem levantadas nas ruas e em escolas, espaço que atuo como docente.

A ausência de uma educação patrimonial na localidade aponta uma grande perda para a comunidade, pois a Educação Patrimonial defende que

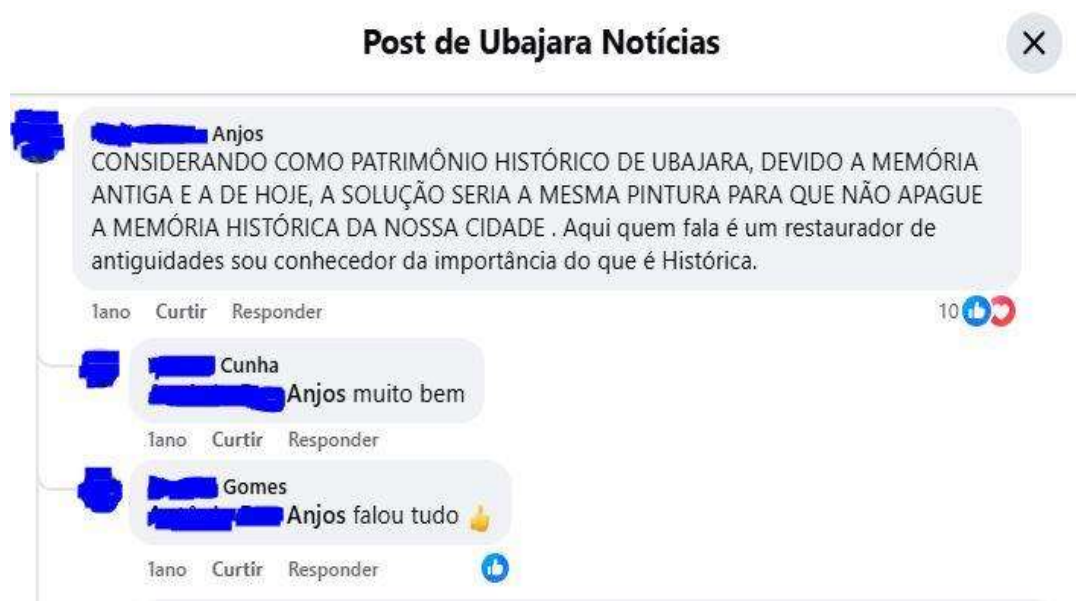
[...] todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o Patrimônio Cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. Considera ainda que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente entre os agentes culturais e sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, onde convivem diversas noções de Patrimônio Cultural. (Brasil, 2014, p.19)

Uma cidade, é construída não somente por prédios erguidos, rua traçadas e moradores que trabalham para que a cidade possa se desenvolver, mas ela é construída por memórias, de patrimônios materiais e imateriais, isso faz com que a “alma” da cidade esteja viva e pulsante, os costumes, tradições desses espaços são



guardados por todos e não somente por representantes. Os moradores mostraram, soluções que pudessem ter sido tomadas perante à pintura para que não houvesse a remoção, solução essa que não foi discutida nem sequer ouvida.

Imagem 07 - Recorte do facebook do Ubajara Notícias



Fonte: Comentário do Ubajara Notícia

Anjos, escreve em caixa alta “ NÃO APAGUE A MEMÓRIA DA NOSSA CIDADE ”, a revolta de um morador sugere refazê-la ou que fizessem o restauro, fator mais adequado no caso da pintura, mas que a presença dela continuasse no local.

Esse evento local que se une a muitos outros casos pelo Brasil, coloca em pauta inúmeras discussões no campo artístico, histórico e social. Destacamos o que discute Bosi (2003, p.15) quando diz que a memória oral é um “instrumento precioso se desejamos constituir a crônica do cotidiano. A história que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios”.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao colocar em destaque, nesse texto, a polêmica causada no município de Ubajara sobre o apagamento da pintura de 69 anos, realizada pelo artista Antonio Ribeiro Neto na abóbada da matriz da cidade, destacamos a importância e a urgência



no desenvolvimento de uma educação para a preservação do patrimônio artístico e cultural da cidade, além de evidenciar que a memória de seus habitantes põe em relevo o sentimento de pertencimento e identidade cidadã. Como diz Bosi (2003, p.43) “a memória resgata o tempo mediante as imagens”. Apagá-las, portanto, significa aniquilar a própria memória e o próprio tempo.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.

BRAGA, Marília. Ação na Justiça pede paralisação imediata de reforma em igreja de Ubajara. O POVO, Fortaleza, 10 mai. 2024. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/ceara/ubajara/2024/05/10/acao-na-justica-pede-paralisacao-imediata-de-reforma-em-igreja-de-ubajara.html>. Acesso em: 16 de setembro de 2025.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Educação patrimonial: histórico, conceitos e processos. Coordenação de Sônia Rampim Florêncio. Brasília: Iphan, 2014.

CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.

CHOAY, Françoise *A alegoria do património*. A alegoria do património / ; trad. Teresa Castro ; rev. Pedro Bernardo. - Lisboa : Edições 70, imp. 2006.

MARCIEL, N. *Livro analisa o processo de apagamento da obra de Volpi em Brasília*. Estado de Minas, Belo Horizonte, 20 mar. 2023. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2023/03/20/interna_cultura,1470782/livro-analisa-o-processo-de-apagamento-da-obra-de-volpi-em-brasilia.shtml. Acesso em: 16 de setembro de 2025.

SANTUÁRIO DE SÃO JOSÉ - UBAJARA. Publicação com foto do altar. Facebook, Ubajara, 30 de abril de 2024. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo?fbid=830631459083859&set=a.342381314575545>. Acesso em: 16 de setembro de 2025.

SOBRINHO, Antônio Alves Pereira da Silva. *Surgimento da História da Arte e da Crítica de Arte no Brasil: da 11ª Missão Artística Francesa à Semana de Arte Moderna (1816-1922)*. Tese (Doutorado em História). Recife: UFPE, 2023.